

Livros de narrativa visual no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): uma questão de nomenclatura(s)?

Resumo

O presente artigo focaliza a investigação do pertencimento dos “livros de imagem” e dos “livros de narrativas por imagens” que compõem os acervos do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) ao gênero literário da “narrativa visual”, com vistas a referendar o termo “livro de narrativa visual”, ou seja, a obra literária que possui como cerne a narrativa ficcional que se apresenta ao leitor unicamente por meio de imagens. Evidencia reflexões referentes à ilustração no livro de narrativa visual, a qual suscita dos leitores e dos mediadores de leitura o aprofundamento no trato da leitura das imagens - a literacia visual. Considera, portanto, que as imagens também são passíveis de leitura e podem se constituir em narrativas. Revela que, embora o PNBE se constitua em política pública fundamentada na questão da formação de leitores, entendidos, principalmente como leitores da palavra, também pode ser considerado como política de formação de leitores da imagem, mesmo possuindo em seus acervos um número de obras de narrativa visual relativamente inferior aos livros em prosa.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Crianças - Livros e leitura. Arte narrativa. Percepção visual. Histórias

Paulo Henrique Machado
Prefeitura Municipal de Curitiba
phenrique14@yahoo.com.br

1 Introdução

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), instituído em 1997 e executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) em parceria com a Secretaria de Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação (MEC), consiste em projeto governamental cujo objetivo principal é prover as escolas de ensino público das redes federal, estadual e municipal, no âmbito da educação infantil (creches e pré-escolas), do ensino fundamental, do ensino médio e educação de jovens e adultos (EJA), com o fornecimento de obras e demais materiais de apoio à prática da educação básica, com vistas à democratização do acesso às fontes de informação, ao fomento à leitura como prática social e à formação de estudantes e professores leitores.

Os acervos distribuídos pelo PNBE são compostos por obras que contemplam as seguintes categorias: textos em verso (quadra, parlenda, cantiga, trava-língua, poema); textos em prosa (clássicos da literatura infantil, pequenas histórias, textos de tradição popular, novela, conto, crônica, teatro, narrativa de palavras-chave); livros com narrativa de palavras-chave (livros que vinculem imagens com palavras); livros de narrativas por imagens; livros de imagens; e livros de histórias em quadrinhos (BRASIL, 2014).

Todavia, percebeu-se que o MEC faz diferenciação na nomenclatura dos livros que contam histórias por meio de imagens: para a educação infantil, trata-os por “livros de narrativas por imagens”, enquanto para os ensinos fundamental e médio, nomina-os como “livro de imagem”, e ainda, colocam estes últimos na mesma categoria dos livros de histórias em quadrinhos. Portanto, couberam aqui dois questionamentos (questões norteadoras): o primeiro, referente ao porquê da não-padronização das terminologias para os três segmentos, uma vez que as obras se constituem no mesmo artefato, pertencentes ao mesmo gênero literário - o da narrativa visual?; o segundo, a respeito de não haver separação entre “livros de imagem” e “livros de histórias em quadrinhos”, visto que são gêneros textuais diferentes?

Soma-se a isso a constatação de que no mercado editorial brasileiro e mundial, encontra-se considerável quantidade de livros compostos unicamente por ilustrações, mas que, em hipótese alguma, se constituem em “narrativas visuais”, pois não possuem os elementos fundamentais da narrativa.

Portanto, a grande problemática evidenciada na pesquisa refere-se à tentativa de investigar se os referidos “livros de imagem” e “livros de narrativas por imagens” selecionados para compor os acervos do PNBE realmente se constituem em “livros de narrativa visual” - livros em que as imagens constituem a única maneira de expressão do conteúdo textual, contemplando obrigatoriamente a existência dos elementos fundamentais da narrativa enunciados por Gancho (2010): enredo, personagens, tempo, espaço, narrador. A hipótese da pesquisa concentra-se na possibilidade de existência de obras do PNBE que não se enquadram nos referidos quesitos e que meramente se constituam em “livros de imagem” e não em “livros de narrativa visual”.

1.1 Justificativa

Os livros de narrativa visual comportam uma lacuna nos estudos da área de literatura infantil, pois poucas são as pesquisas que se dedicam a tratá-los, sobretudo, no tocante às suas imbricações no que tange à avaliação e à análise de programas governamentais de leitura.

A relevância desta pesquisa reside no fato de que a narrativa por imagens demanda estudos que considerem não só as suas especificidades, mas as suas inter-relações com outras linguagens. Os livros de narrativas compostas exclusivamente por imagens (ilustrações, fotografias, pinturas ou outra forma de representação pictórica) consistem em modalidade textual que não é apenas voltada para aqueles que ainda não dominam o código escrito, mas aos que desejam exercitar o olhar (ou se encantar visualmente), tanto pela parte gráfica (técnicas, cores, focos), quanto pelas variadas possibilidades de interpretações (o explícito, o não-dito, as “entrelinhas”).

Contudo, ainda constata-se que o desenvolvimento da capacidade de leitura normalmente está relacionado somente à leitura do código verbal. Ao se pensar em um texto que congrega palavra e imagem, ou somente narrativa por imagens, por exemplo, o processo de leitura não pode ser compreendido somente a partir da palavra.

Torna-se fundamental, portanto, ressignificar a leitura considerando a decodificação, a interpretação e a compreensão de outros modos de comunicação, independentemente da linguagem utilizada.

1.2 Objetivos

Esta pesquisa tem como objetivo geral o aprofundamento do estudo da narrativa por imagens em livros infantis, com vistas a referendar o termo “livro de narrativa visual”.

São objetivos específicos:

- a) identificar e debater as terminologias utilizadas para a designação de livros infantis ilustrados, sobretudo, para livros que narram histórias apenas por meio de imagens;
- b) analisar se os “livros de imagem” e os “livros de narrativas por imagens” que compõem os acervos distribuídos pelo Ministério da Educação às escolas públicas de educação básica por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) - no período de 2008 a 2012, nos segmentos de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental - constituem-se em narrativas visuais;
- c) investigar a incidência de inclusão de livros de narrativa visual nos acervos do PNBE ao longo dos anos em relação aos livros de outros gêneros textuais;
- d) reforçar a importância da leitura de livros de narrativa visual no ambiente escolar.

2 Referencial teórico

2.1 Literatura infantil, leitura e as interações autor-texto-leitor

O processo de formação de leitores está inevitavelmente atrelado à literatura infantil, cuja relevância no processo de aprendizagem e no desenvolvimento psicossocial da criança, tem instigado estudos a respeito da sua função de despertar no leitor o gosto e a prática da leitura.

Coelho (2011, p. 27) evidencia que "a literatura infantil é antes de tudo, literatura; ou melhor, arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida [...]. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real [...]." Afirma ainda que "sua natureza é a mesma da que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança." (COELHO, 2011, p. 29).

Ao longo do tempo, tanto o conteúdo quanto a forma do livro infantil sofreram adaptações graduais, a ponto de hoje constituir produto de fácil identificação como gênero específico. O livro infantil hodierno é aquele concebido com proposição estética, em que a narrativa suscita interação entre palavra e ilustração, ou, entre ilustrações, no caso das narrativas visuais.

Desde o seu nascimento, a criança se encontra inserida em um mundo letrado/ilustrado, onde o contato com a leitura torna-se fundamental para o desenvolvimento de sua fantasia e criatividade. Percebe-se que as crianças se evidenciam profícuos leitores de narrativas visuais, não apenas por darem sentido às imagens sequenciais, mas por atribuí-las vida por meio do folhear das páginas, isto é, tendo a imagem como seu principal ponto de apoio, criam ou imaginam significados com base nas próprias experiências que tem com o mundo, desencadeando assim, o processo de leitura.

Ao se tratar de literatura infantil, os termos leitor e leitura aparecem relacionados intrinsecamente. Leitura aqui entendida em sentido amplo, como processo/meio de recepção de diversos tipos de textos (escritos, visuais, entre outros). Para Fávero e Koch (2012), em sentido lato, o termo texto designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (uma música, um filme, uma escultura, um poema, etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação realizada sob mediação semiótica.

Na literatura infantil da contemporaneidade, encharcada de intertextualidades, revisitamentos, entrelinhas e espacejamentos, cabe ao leitor atual mergulhar profundamente no texto, com a sua própria bagagem (experiência, memória, subjetividade), e dele emergir com as suas verdades, a sua visão diante do explorado, seus pontos e contrapontos, enfim, com intersubjetividades (o resultado dos

atravessamentos e das interações autor-texto-leitor). Verifica-se nessa interatividade a coautoria textual, onde o leitor, ao receber os variados textos que o rodeiam, além de procurar compreendê-los e interpretá-los, ativa sua memória, inter-relaciona experiências e fatos, e por fim, produz significados, isto é, descobre seu próprio texto.

A partir dos conceitos da Estética da Recepção¹, o leitor passa a ser valorizado a fim de contribuir de maneira primordial na significação do texto. Cada leitor tem a sua maneira de perceber e de atribuir significado ao que lê. Essa particularização da leitura é que estimula, por meio de um processo artístico, emoções e vivências diferentes no leitor permitindo-lhe o conhecimento de si mesmo; o reconhecimento do outro, a descoberta do mundo.

Hodiernamente, ao se analisar a produção de livros destinados a crianças e jovens, se verifica que, em sua grande maioria, são elaborados a partir de pelo menos duas linguagens: verbal (a da palavra) e visual (a da imagem). Entretanto, ao longo dos anos, sabe-se que tanto no mercado editorial quanto no sistema educacional brasileiros, a linguagem verbal sempre possuiu privilégios em relação à linguagem visual. Indiscriminadamente, a palavra foi sendo sobreposta à imagem. Ainda assim, o gênero literatura infantojuvenil, ou melhor, os livros infantis e juvenis, utilizam-se sobremaneira da hibridação, isto é, a combinação/fusão/cruzamento de dois ou mais tipos de linguagem/texto (palavra, imagem, recursos do cinema, entre outras) em sua composição, formando assim, um novo composto. Por se tratar de artefato que se compõe na interação entre linguagens distintas, o livro literário infantil não deveria ser apreciado somente sob o panorama do código alfabético.

A leitura plena do texto verbo-visual exige do leitor atenção para as duas linguagens, justamente pelo fato delas se apresentarem e se comunicarem de maneiras distintas. Essa questão fica ainda mais evidente nos livros em que a ilustração não é simplesmente repetidora do texto escrito, ou seja, quando as duas linguagens contam histórias diferentes ou quando uma linguagem diz aquilo que a outra não disse.

¹ A Estética da Recepção ou Teoria da Recepção é uma corrente da crítica literária que promoveu a revisão sobre a tríade autor-texto-leitor, defendendo a importância do leitor na construção de sentido do texto. Foi idealizada por Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser no final da década de 1960, na Escola de Constança, Alemanha.

Não obstante, dilema parecido ocorre com os livros infantis compostos apenas por imagens, em que a imagem constitui principal meio de expressão discursiva e necessita prevalecer não apenas como ilustração, mas como texto produtor de sentido. É evidente que existem diferenças entre a leitura da palavra e a leitura da imagem, portanto, é justamente o propósito desta pesquisa focalizar a imagem enquanto texto provocador de sentido e possibilitador de criação de narrativas.

2.2 Livro de narrativa visual no contexto literário infantil

No campo da literatura infantil, os livros de narrativa visual são obras literárias que possuem como cerne a narrativa ficcional que se apresenta ao leitor unicamente por meio de imagens.

Ao longo das últimas quatro décadas, diversas nomenclaturas e expressões têm sido utilizadas para a designação dos mesmos: álbum de figuras ou livro de estampas; livro sem texto; história ou livro sem palavras; livro mudo ou história muda; livro-imagem, livro só-imagem ou livro de imagem; livro com imagem ou livro com ilustrações; livro ilustrado; e, livro de narrativa visual.

O presente estudo privilegiou o termo "livro de narrativa visual", proposto por Cagneti (2009; 2013) e referendado por Rodrigues (2012), não com o intuito de excluir ou refutar os demais, mas sim, por considerar a completude e abrangência deste para com os livros infantis cujo foco são as histórias construídas apenas com imagens, sem a presença de palavras, uma vez que, historicamente, sabe-se que a maioria dos autores e estudiosos da área propõem classificações que priorizam a relação entre o texto verbal e as imagens.

Acredita-se que a discussão terminológica tem como ponto de partida os termos "livro com ilustrações" e "livro ilustrado", devido à sua abrangência internacional. Verificou-se que autores estrangeiros - Nodelman (1988), Hunt (2010), Linden (2011), Nikolajeva e Scott (2011), Salisbury e Styles (2013) e Arizpe Solana (2014) -, parecem concordar em chamar *picture book* (livro com ilustração) a seleta gama de livros que contêm ilustrações, e de *picture-book/picturebook* (livro ilustrado/livro-imagem/livro de

imagem) os livros em que se observa inter-relação entre palavra e imagem. Destes, apenas Hunt (2010), Nikolajeva e Scott (2011) e Arizpe Solana (2014) propuseram categorização aos livros que apresentam apenas narrativa por imagens.

Em nosso país, infelizmente, parece existir certo consenso (ou comodismo) em também chamar estes de "livro de imagem", ou mais equivocadamente ainda, de "livro sem texto", em diferenciação àqueles em há interação (ou mescla) entre texto verbal e visual. Nelly Novaes Coelho e Luís de Camargo iniciaram o debate a respeito das nomenclaturas a respeito do livro de narrativa visual. No início da década de 1980, Coelho (2011) apresenta a "linha da narrativa por imagens" como uma tendência ou linha da literatura infantil contemporânea, na qual os livros "contam histórias através da linguagem visual, de imagens que falam." (COELHO, 2011, p. 161). A autora relata que esse tipo de livro de histórias sem palavras (ou com brevíssimas falas) consiste em excelente estratégia para que a criança reconheça o mundo que a cerca. No entanto, ao descrever os livros da Coleção Peixe-Vivo, criados por Eva Furnari, estes foram meramente evocados como "histórias sem texto ou livro de figuras [...] [ou] historietas sem palavras." (COELHO, 2011, p. 200-201).

Por sua vez, Camargo (1995), além de evidenciar a expressão "livro sem texto", também apresenta outras com conceituação deficitária e/ou contraditória para os livros que contam histórias somente por meio de imagens:

Livros de imagem são livros sem texto. As imagens é que contam a história. Os livros com pouco texto, em que o papel principal cabe à ilustração, também podem ser chamados de livros de imagem. A expressão "livro de imagem" não é de uso generalizado. Por necessidade de estilo (para não repetir as mesmas palavras) ou de conceito (para definir melhor), várias outras expressões têm sido usadas: álbum de figuras, livro mudo, livro sem texto, texto visual, etc. (CAMARGO, 1995, p. 70).

Com exceção da expressão "narrativa por imagens", acredita-se que, na contemporaneidade, as demais não são designativas para os livros infantis de narrativa visual, sobretudo, "livro mudo", "histórias sem texto" e "livro sem texto", uma vez que a

concepção atual de texto admite diferentes linguagens organizadas e manifestadas pelo ser humano.

Cagneti (2013) expõe que tal qual o mundo de hoje, a produção literária para crianças e jovens é marcada pela profusão de cores, imagens, línguas e linguagens, que se mesclam, dialogam entre si, transitam entre uma e outra, e contribuem para o nascimento de um novo gênero literário: a narrativa visual - onde as histórias são contadas apenas por imagens, mesclando as linguagens do cinema, dos quadrinhos, da televisão. De acordo com a autora, embora aparentemente voltados para o universo infantil, os livros de narrativa visual vêm agradando a diferentes faixas etárias, uma vez que, possuem todos os elementos da narrativa literária ao virar de páginas, embora contados por imagens. Nesse sentido, ressalta que narrativa visual é o termo que define com mais propriedade tais livros, embora muitos ainda os denominem livro de imagem ou livro sem texto.

Conforme explica Rodrigues (2012), não é prudente pensar somente na imagem e esquecer de que forma e porque ela se materializa no livro; também não se deve analisá-la somente pela visão da literatura, porque o dispositivo de comunicação é a imagem. Esclarece que:

A escolha do termo “narrativa visual” para esse gênero se deve ao fato de que, independentemente da técnica empregada para a imagem, o livro vai contar uma história com todos os elementos de uma narrativa literária, sem importar qual a linguagem escolhida (verbal ou visual), no suporte livro ou em outros. Todavia o termo sozinho não situa o gênero em um lugar específico. Por isso, é necessário o acompanhamento de “livro”, para ver que a narrativa a que se refere pertence ao universo dos livros e, de modo mais particular, dos livros infantis e infantojuvenis, e não a quadros e fotografias sequenciais ou àqueles meios que utilizam muito a narrativa visual quando não há fala de personagens, como por exemplo, o cinema, as produções televisivas e as artes cênicas. (RODRIGUES, 2012, p. 72).

O crescente interesse nos livros de narrativa visual como forma gráfica tem instigado algumas pessoas a questionar se, de fato, estes se constituem em objeto artístico e se realmente são adequados ao público infantil. De certa forma, eles podem ser considerados, ao mesmo tempo, objetos de arte e literatura infantil, pois, o virar de

suas páginas possibilita aos leitores interação com as narrativas visuais, onde as ilustrações fundamentam-se em representações que substituem seres, coisas, sentimentos ou ações.

2.3 Ilustração no livro de narrativa visual e leitura da imagem

Sabe-se que se foi o tempo em que se atribuía à ilustração apenas as funções de complementar, adornar ou ajudar a esclarecer ou reforçar algo no texto escrito junto ao qual ela usualmente aparecia. Na contemporaneidade, é evidente que ela não exerce mera representação no objeto livro infantil, mas sim, potencializa-o como veículo de comunicação. Essa constatação se intensifica no que se refere aos livros de narrativa visual, em que a história é contada somente por imagens, sem texto escrito para o conteúdo narrativo. Nestes livros, a relação entre texto verbal e imagem se dá *a posteriori*, após a visualização das imagens, quando o leitor/receptor cria a sua interpretação/versão da história.

Justamente refutando as concepções de que a ilustração, no impresso, parece estar a serviço do texto escrito, buscou-se em Oliveira (2008, p. 80) a ideia de que “a ilustração é um gênero das artes visuais narrativas”, visto que, toda imagem tem alguma história para contar. Considerando que as imagens narrativas de um livro criam a memória visual das crianças, torna-se também possível a criação de um processo flexível para a leitura dessas sem a necessidade de relacioná-las com o texto verbal (OLIVEIRA, 2008).

Desde a infância, as pessoas são ensinadas a ler palavras, mas raramente as imagens. Uma imagem, assim como um texto escrito, pode apresentar várias camadas de leituras, o que requer daquele que a examina olhar atento e calmo, e aptidão para captar além daquilo que é visto num primeiro momento.

Na escola, ao ter contato com um livro infantil de narrativa visual, por exemplo, a criança comumente se depara com um dissentimento: mesmo vivendo em um mundo repleto de imagens provenientes dos avançados meios de comunicação - sobretudo o cinema, os games e as propagandas da televisão -, a apreensão da linguagem visual

existente nos livros permeados apenas por imagens sequenciais se torna deveras dificultosa, uma vez que, em sala de aula, continua vigente a aquisição do letramento baseada na tradição escrita.

Se nos livros verbo-visuais, a presença da ilustração já exige dos leitores e dos mediadores de leitura tratamento especializado para evitar que a linguagem visual seja lida apenas como complemento do verbal, o livro de narrativa visual suscita destes o aprofundamento no trato da leitura das imagens, isto é, a literacia ou habilidade visual. Muitas vezes, as imagens presentes em certos livros infantis podem suscitar necessidade maior de interpretação, tendo o leitor/receptor dificuldade para ler o que elas querem dizer.

A imagem necessita ser tratada como um sistema de signos, que incorpora códigos que precisam ser compreendidos. Daí a ideia de "ensinar a ver", apresentando às crianças categorias visuais básicas, tais como equilíbrio, forma, espaço, luz, cor, linha, textura, movimento, composição, ritmo, dinâmica, expressão, entre outras, além de aspectos não-estruturais. A literacia visual propõe um sistema básico para aprendizagem e compreensão de mensagens visuais (DONDIS, 2007; OLIVEIRA, 2008).

No livro de narrativa visual, as imagens ocupam o espaço da palavra ou do sincretismo entre palavra e imagem, para a construção de sentidos e instauração de significados. A história constituída apenas de imagens sequenciais - ainda que sem a organização tabular apresentada pelas histórias em quadrinhos (HQs), por exemplo -, por não vir acompanhada da palavra, possibilita ao leitor/receptor inúmeras interpretações, gerando a necessidade deste em criar uma versão para si mesmo, isto é, uma cocriação, uma parceria com o autor/ilustrador. Nesse sentido, o livro de narrativa visual permite que a criança imagine a história a partir de suas próprias percepções, sendo encaminhada por meio das demarcações evidenciadas pelo artista durante seu processo de criação.

Portanto, o texto da narrativa visual não está impresso no livro, mas invisível e intangível, pois está no processo que ocorre com o receptor à medida que este apreende as mensagens visuais, ou seja, são as imagens que suscitam as palavras. Ao virar das

páginas, a criança passa a compreender a composição das imagens e de como se sucedem as manifestações narrativas.

O maior desafio dos livros de narrativa visual reside na exploração de novas, diferenciadas e criativas formas de narrar, justamente pela ausência da linguagem escrita. Esse fator potencializa a liberdade de criação do autor/ilustrador, o qual encontra possibilidade de desenvolver um livro somente com a linguagem que ele está mais acostumado a trabalhar. O artista que produz livros literários para a infância deve atribuir sentidos nas imagens que constrói, sendo estas detentoras de estética própria, derivadas do processo criativo. O processo de construção de uma narrativa por imagens exige do artista além da técnica, consciência das estruturas necessárias para fundamentar a narrativa.

Contudo, é preciso estar atento à qualidade visual das obras, pois nem todo livro composto por imagens sequenciais possui boa ilustração e configuração gráfica, mesmo estando selecionado em programas governamentais de incentivo à leitura. Nesse sentido, é preciso lembrar que o mediador deve desenvolver sua habilidade de leitura para que, antecipadamente, perceba qualidades nos livros que indicará aos seus interlocutores. Não obstante, deverá conviver com diferentes modalidades de produções plásticas, não apenas com a diversidade linguística.

3 Metodologia

Trata-se de pesquisa qualitativa, conjuntamente com elementos da pesquisa quantitativa. Pauta-se na análise de conteúdo, que, de acordo com Bardin (1994, p. 19), “é uma técnica que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação.”

Para sua realização, foram necessárias consultas a documentos oficiais do PNBE (editais e relatórios de obras selecionadas). Verificou-se que a distribuição dos acervos de literatura do PNBE ocorre da seguinte forma (a partir de 2008): nos anos pares são distribuídos livros para as unidades de educação infantil (creche e pré-escola), anos

iniciais do ensino fundamental e educação de jovens e adultos. Já nos anos ímpares a distribuição ocorre para as escolas dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio.

No tocante à caracterização das obras do PNBE, estas estão distribuídas em quatro categorias (a partir de 2010²):

- a) categoria 1 (educação infantil - etapa creche): textos em verso; textos em prosa; livros com narrativa de palavras-chave (livros que vinculem imagens com palavras); livros de narrativas por imagens;
- b) categoria 2 (educação infantil - etapa pré-escola): textos em verso; textos em prosa; livros de narrativas por imagens;
- c) categoria 3 (anos iniciais do ensino fundamental): textos em verso; textos em prosa; livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos;
- d) categoria 4 (educação de jovens e adultos - anos finais do ensino fundamental e ensino médio): textos em verso; textos em prosa; livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos.

Como a pesquisa focaliza apenas o livro infantil de narrativa visual, delimitou-se como *corpora* os “livros de narrativas por imagens” que compõem os acervos do PNBE nos segmentos de educação infantil (categorias 1 e 2) e os “livros de imagem” destinados aos anos iniciais do ensino fundamental (categoria 3), no período entre 2008 e 2012 (ou seja, os anos de 2008, 2010 e 2012).³

2 Em 2010, tornou-se vigente essa categorização para a composição de acervos do PNBE. O edital de 2008 explicita apenas obras de literatura (textos em verso; textos em prosa; livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos) voltadas para estudantes da educação infantil e das séries/anos iniciais do ensino fundamental, tal como o edital de 2009, que convoca para avaliação obras de literatura para séries/anos finais do ensino fundamental e/ou ensino médio, não contemplando livros de imagem, que só foram selecionados para este segmento a partir de 2011.

3 Entre 1999 e 2004, o PNBE incluiu em seus acervos alguns títulos de livros que contam/narram histórias por meio de imagens. No entanto, a categoria “livro de imagem” foi instituída em 2005 e a categoria “livros de narrativas por imagens” em 2010.

Para validação desta pesquisa, houve necessidade de manuseio/leitura/análise de todos os títulos delimitados no *corpora*. Em virtude da inexistência de indicação e apontamento - tanto nos relatórios oficiais de obras selecionadas pelo PNBE, quanto em pesquisas anteriormente desenvolvidas - de quais são os títulos dos “livros de imagem” e/ou “livros de narrativas por imagens” que compõem os acervos do PNBE, tornou-se necessário elaboração de pré-listas dos referidos livros, de acordo com o segmento/categoria e conforme o ano de distribuição e atendimento.

Destarte, para localização de todas as obras, foram necessárias investigações em campo para análise dos acervos dos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) e das bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Curitiba que receberam os livros do PNBE.

De posse do *corpora* da pesquisa, realizou-se a exploração dos livros por meio da análise de conteúdo. De acordo com Bauer (2011, p. 195), essa técnica de investigação “trabalha tradicionalmente com materiais textuais escritos, mas procedimento semelhante pode ser aplicado a imagens.” Nesse caso, as histórias contadas/narradas por meio de imagens (narrativas visuais) configuram-se textos.

Assim sendo, uma vez que a pesquisa em questão prioriza a imagem como texto independente do verbo, constituindo a única maneira de expressão do conteúdo textual, ou seja, a narrativa visual, o primeiro critério definido para a análise do *corpora* foi a existência/presença dos elementos fundamentais da narrativa enunciados por Gancho (2010): enredo (estrutura e natureza ficcional), personagens (aqueles que fazem a ação - pessoas, bichos, objetos), tempo (determinado de maneira cronológica, psicológica ou ambos), espaço (corresponde ao lugar físico onde ocorrem os fatos da história) / ambiente (espaço carregado de características socioeconômicas, morais, psicológicas, em que vivem os personagens) e narrador (elemento estruturador da história - em primeira ou terceira pessoa do singular).

4 Apresentação, análise e interpretação dos dados

A totalidade de obras verificadas no PNBE (anos de 2008, 2010 e 2012) nas categorias 1, 2 e 3 é de 560 títulos, sendo 453 de livros em prosa, 39 livros em verso, 18 livros de histórias em quadrinhos, e 50 livros de narrativa visual. A quantidade de obras por ano é a seguinte: 160 em 2008; 200 em 2010; 200 em 2012.

O Gráfico 1 evidencia as quantidades de títulos de livros do PNBE 2008-2012 (por ano e gênero textual), referentes às categorias 1, 2 e 3:

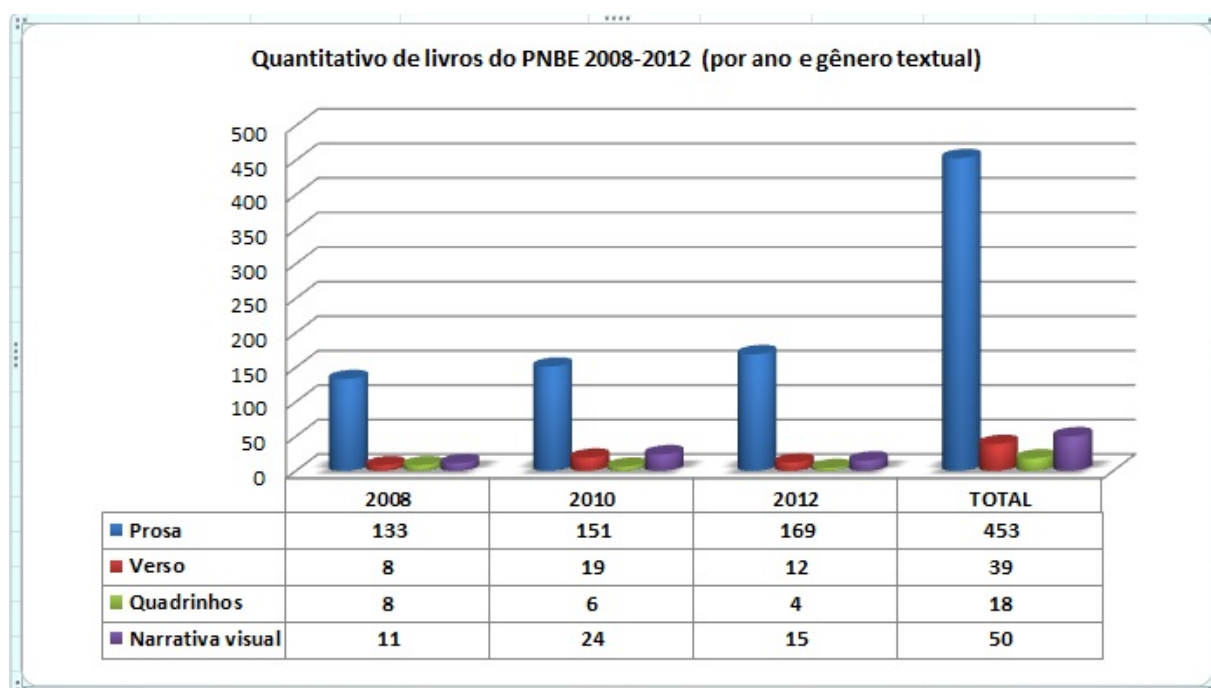


Gráfico 1 - Quantitativo de livros do PNBE 2008-2012 (por ano e gênero textual)

O Gráfico 1 evidencia a supremacia dos livros em prosa em relação aos demais gêneros, nos três anos pesquisados, assim como, a elevação do número de títulos incluídos neste grupo a cada ano (de 133 em 2008, para 151 em 2010, e 169 em 2012). Os demais gêneros (verso, quadrinhos e narrativa visual) não apresentam certa regularidade de incidência de um ano para outro, tendo maior destaque o ano de 2010, em que estas aparecem em quantidades mais significativas em relação aos livros em prosa.

Do total de 560 obras verificadas, apenas 50 se configuram em livros de narrativa visual. Em contrapartida, constatou-se que, nos três anos analisados, sua incidência é

maior que a dos livros em verso e que a dos quadrinhos. Contudo, vale lembrar que, para o MEC, os livros em quadrinhos e os livros que contam histórias por imagem se enquadram no(s) mesmo(s) grupo(s): “livros de narrativas por imagens” (para a educação infantil) e “livros de imagem” (para o ensino fundamental).

Comprovou-se, por meio da técnica de análise de conteúdo, que as 50 obras atendem ao pré-requisito da presença dos elementos fundamentais da narrativa (enredo, personagens, tempo, espaço, narrador), ou seja, nenhum dos livros analisados é meramente um “livro de imagem”, mas sim, “livro de narrativa visual”, pois, independentemente das técnicas empregadas para a obtenção das imagens, a obra conta história(s) por possuir os mesmos elementos concernentes a uma narrativa literária escrita.

O Gráfico 2 retrata as quantidades de livros de narrativa visual vinculadas ao PNBE 2008-2012 (por categoria e ano).

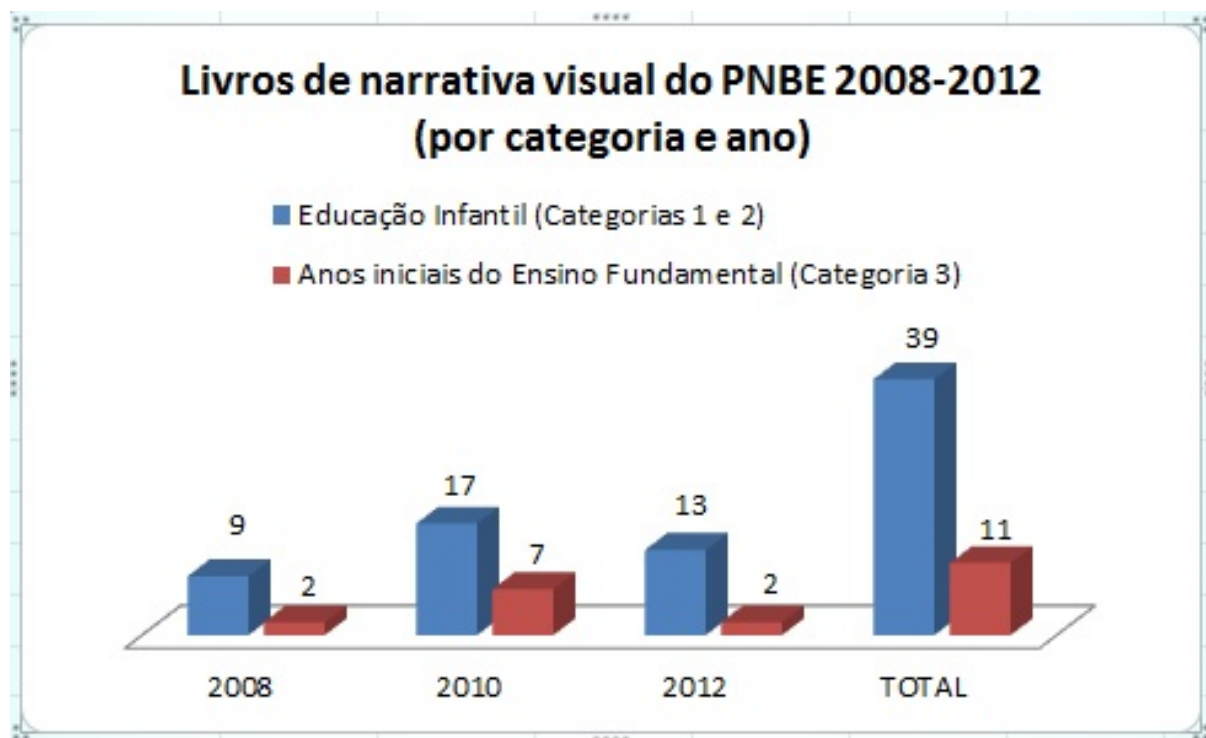


Gráfico 2 - Livros de narrativa visual do PNBE 2008-2012 (por categoria e ano)

Por meio do Gráfico 2, observou-se que no ano de 2010 houve maior incidência de livros de narrativa visual na composição dos acervos do PNBE, tendo ao todo 24 títulos, superando os anos de 2008 (11 títulos) e de 2012 (15 títulos).

É evidente e até considerável a contemplação da Educação Infantil (creche e pré-escola) com um número maior de obras de narrativa visual no período entre 2008 e 2012 (39 títulos, ao todo) que o Ensino Fundamental (11 títulos, ao todo), em virtude deste segmento se constituir por crianças pré-leitoras que ainda não dominam o código escrito, ou ainda, de leitores iniciantes que ainda não têm um bom domínio da leitura. No entanto, isso não se justifica diante do número tão pequeno de obras de narrativa visual em relação à maioria esmagadora de livros em prosa (fato verificado em todas as categorias/segmentos), além da existência de outro agravante: os livros de narrativa visual nem sempre estão igualmente distribuídos nas caixas dos acervos que são destinados às unidades educacionais cadastradas no programa.

Os números apresentados evidenciaram que a quantidade de livros de texto em prosa é demasiadamente superior à dos pertencentes às três outras categorias, o que permite atestar que a produção de livros para a educação infantil e para o ensino fundamental vem privilegiando, de forma significativa, a prosa. Tal predominância da prosa entre os livros do PNBE é até positiva e justificável, uma vez que é essencial que a criança, sobretudo na etapa da educação infantil, quando está começando a se inserir no mundo da escrita, possa apreender e construir o conceito de sistema alfabético e o conhecimento dos usos e funções da escrita. No entanto, surpreende negativamente a inclusão de número tão pequeno de livros de narrativa visual, que muito atraem os pré-leitores, os leitores iniciantes e os leitores-em-processo.

Em suma, a hipótese sobre a possível existência de "livros de imagem" nos acervos do PNBE foi refutada, fator que contribui ainda mais para a consolidação da expressão "livro de narrativa visual". Diante do exposto, atenta-se ao MEC para as seguintes necessidades:

- a) utilização de nomenclatura única para os livros que contam histórias apenas por meio de imagens - isto é, livros de narrativa visual -, independentemente

- do segmento/categoria em que eles se encontram (do infantil ao ensino médio);
- b) desvinculação/separação dos gêneros textuais quadrinhos e imagem, pois os livros em quadrinhos se configuram em forma de arte que conjuga texto verbal e imagens por meio de organização tabular e sequencial, diferentemente do livro de narrativa visual, arte em que as imagens ocupam o espaço da palavra ou do sincretismo entre palavra e imagem;
 - c) ampliação do número de livros de narrativa visual (de diferentes níveis de dificuldade/complexidade) a todos os segmentos educacionais, sobretudo, aos estudantes dos Anos iniciais do Ensino Fundamental - assim como para os dos Anos Finais do Fundamental, do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos -, pois estes também necessitam exercitar o olhar, buscar ampliar a percepção estética, ou simplesmente, tirar proveito da observação cuidadosa das imagens;
 - d) verificação junto ao mercado editorial de maneiras/alternativas de fomento e/ou incentivo à produção de maior quantidade de livros de narrativa visual no Brasil para composição dos acervos do PNBE, desde que sejam observados os critérios de avaliação e seleção preestabelecidos pelo MEC para as obras inscritas, a saber (BRASIL, 2014): qualidade do texto (neste caso, a fruição estética da narrativa), a adequação temática e qualidade do projeto gráfico.

5 Considerações finais

A pesquisa em questão evidenciou que, embora o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) se constitua em política pública fundamentada na questão da formação de leitores, entendidos, principalmente como leitores da palavra, também pode ser considerado como política de formação de leitores da imagem.

Mesmo possuindo em seus acervos um número de obras de narrativa visual relativamente inferior aos livros em prosa, o PNBE contribui sobremaneira para a consolidação de um novo jeito de leitura: aquela proporcionada por livros que contam

histórias apenas por imagens. Essa constatação também é alicerçada tanto pela análise dos editais e relatórios de avaliação e seleção de obras para composição dos acervos, nos quais constam critérios qualitativos relativos aos livros literários compostos somente por imagens, quanto pela significativa presença do livro de narrativa visual na produção editorial nacional, que além de revelar um gênero textual contemporâneo, também subentende a literatura infantil como meio de educação do olhar.

Indubitavelmente, as imagens também são passíveis de leitura e podem se constituir em narrativas. A abordagem visual em um livro de literatura infantil pode se tornar experiência fascinante tanto para a criança quanto para o leitor adulto, desde que estes estejam dispostos a apreender com as imagens.

O trabalho com imagens na escola de educação básica não exige estudo prévio e formalizado sobre linguagens visuais. O que os mediadores de leitura (sobretudo, os professores e os bibliotecários) devem estimular nas crianças é a leitura que valorize as emoções delas e como seus sentimentos interpretam a obra. Os significados que os leitores/receptores atribuem a uma determinada obra estão abertos às diferenças entre os sujeitos e ligadas às experiências destes na sociedade em que atuam. O modo como a criança interpreta determinada imagem, utilizando suas vivências, é completamente autêntico, desde que seja comunicável e compreensível por outrem.

Por conseguinte, a literacia visual será responsável pelo desencadeamento de outras habilidades, tais como a ampliação da capacidade de observação de imagens, a construção de sequências narrativas e o estímulo à escrita.

Referências

- ARIZPE SOLANA, Evelyn. Imagens que convidam a pensar: o “livro álbum sem palavras” e a resposta leitora. **Revista Emília**, São Paulo, fev. 2014. Disponível em: <<http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=380>>. Acesso em: 14 mar. 2014.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1994.
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 189-217.
- BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. 2014. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-historico>>. Acesso em: 21 jan. 2014.
- CAGNETI, Sueli de Souza. **Leituras em contraponto: novos jeitos de ler**. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção re-significando linguagens).
- _____. **Literatura infantil e juvenil: uma história de tantas histórias**. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2009. (Coleção letra viva).
- CAMARGO, Luís. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 7. ed., rev. e atual. São Paulo: Moderna, 2011.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção A).
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística textual: introdução**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2010. (Série princípios; 207).
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado: palavras e imagens**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- NODELMAN, Perry. **Words about pictures: the narrative art of children’s picture books**. Athens: University of Georgia Press, 1988.

OLIVEIRA, Rui de. **Pelos jardins Boboli**: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

RODRIGUES, Maria Lúcia Costa. **A narrativa visual na literatura infantil brasileira**: histórico e leituras analíticas. Joinville: Editora da Univille, 2012.

SALISBURY, Martin; STYLES, Morag. **Livro infantil ilustrado**: a arte da narrativa visual. São Paulo: Rosari, 2013.